

Psicanálise na praça

Desde julho de 2018, um grupo de psicanalistas em formação vem apresentando uma proposta diferente: exercer a psicanálise ao ar livre, sem cobrança de honorários e com um *setting* diferenciado. Inspirado por experiências já existentes em outros estados brasileiros, o grupo propõe, de forma independente, um trabalho de escuta analítica no espaço público da cidade. O coletivo Psicanálise na Praça é composto por colegas em formação em três instituições de Porto Alegre: CEPdePA, APPOA e Sig. São eles: Arthur Rodrigues, Augusto Paim, Cândice Damé, Daniela Izolan, Evelise Bastos de Braga, Fernanda Vial, Guilherme Ambros, Liza Sanvito Andreazza Corso, Lorete Mattos, Luciana Vieira e Rodrigo Antunes.

A *Revista do CEPdePA* traz a seguir uma entrevista com os colegas.

Entrevistador: Pensando no pioneirismo da iniciativa, a primeira questão que nos ocorre é contextualizar a proposta de praticar psicanálise em espaços públicos. Como surgiu a ideia de realizar um trabalho como esse em Porto Alegre? Foram usadas referências de trabalhos semelhantes, que já acontecem em outros locais?

Coletivo: A ideia de ocuparmos as ruas da cidade com o nosso trabalho não é original. Freud, em 1918, em sua conferência “*Caminhos da terapêutica psicanalítica*” já se preocupava com o futuro da Psicanálise diante das políticas sociais de proteção à população. Falava em uma Psicanálise para todos. Atualmente, existem trabalhos já amadurecidos em outros estados, como é o caso do “Psicanálise na Praça Roosevelt”, na cidade de São Paulo, nossa principal inspiração. O nosso desejo de trazer esse dispositivo psicanalítico para as ruas de Porto Alegre passa muito pelo

momento de desamparo político e social que o Brasil vem atravessando. Como psicanalistas, surgiu uma inquietação sobre qual seria o nosso papel diante desse cenário e acreditamos que ocupar um espaço público levando nossa escuta analítica possibilita o resgate de um sujeito autônomo, questionador e desejante. A ética da Psicanálise possibilita a escuta do sujeito, o que inaugura novas possibilidades de reconhecimento da subjetividade diante do momento temerário em que vivemos.

Entrevistador: Ainda falando desses começos, nos interessou saber como aconteceu a escolha do local para realização dos atendimentos.

Coletivo: A escolha pela Praça da Alfândega considerou, principalmente, três fatores: o cultural, o histórico e o político. O Centro é um local democrático, de convivência. Também é de fácil acesso, de entrada e saída de Porto Alegre, e é uma área significativa em termos de identidade cultural da cidade, com seus museus em prédios de valor histórico e abrigando a nossa tradicional Feira do Livro. Além disso, a estrutura da praça, com um fluxo moderado de pessoas e um local razoavelmente silencioso, nos possibilita ter boa visibilidade por parte de quem circula por ali, ao mesmo tempo que viabiliza encontros analíticos com privacidade para as duplas analista/analizando.

Entrevistador: O trabalho do psicanalista é associado, em geral, a um atendimento individualizado, dentro de um *setting* específico. Na proposta de levar a psicanálise ao público, a tradicional sala de análise, com o divã, acaba sendo substituída por um local aberto, ao ar livre. Como pensar as recomendações técnicas de frequência, honorários, sigilo e abstinência nesse contexto tão diferente?

Coletivo: Antes de mais nada, entendemos que o que sustenta nossa escuta, seja na praça, seja em nossos consultórios e instituições, é a ética da Psicanálise. Em qualquer lugar, nosso trabalho é individualizado, abstinente e permeado por cuidados com o *setting*. Acreditamos que a escuta independe de paredes e considera continuamente o desejo da dupla. Mesmo assim, estamos constantemente pensando e estudando sobre estas recomendações. Além dos sábados na praça,

nos reunimos semanalmente para conversarmos sobre o andamento do trabalho e compartilharmos nossas inquietações à medida que vão surgindo.

Entrevistador: Quais os impasses surgidos até o momento?

Coletivo: Até agora, os que apareceram de maneira mais marcante nesses encontros dizem respeito à frequência e à transferência, mas entendemos que precisamos de mais tempo para que o trabalho nos forneça material para nossas construções sobre esses pontos.

Entrevistador: Quais as repercussões do projeto no meio psicanalítico e na população?

Coletivo: Estamos sendo muito bem recebidos! Pelo acolhimento da população, notamos que realmente havia demanda por uma escuta analítica mais acessível. No meio psicanalítico, o interesse foi bastante intenso. Há grande entusiasmo acerca do funcionamento do coletivo e nos chegam cumprimentos de muitos colegas, que destacam principalmente a coragem do nosso trabalho. Ao mesmo tempo, em função desta visibilidade, constantemente aparecem questionamentos que nos permitem pensar e repensar nossas práticas. Também existe interesse de pessoas de diversas áreas em conhecer e se aproximar do projeto e da Psicanálise – muitas ficam curiosas em relação ao que é, como funciona e o que deveriam fazer. Temos ouvido muito a pergunta: “Mas é só falar?!” Pensamos que este interesse e a curiosidade suscitada já são conquistas importantes deste movimento. As pessoas se surpreendem positivamente por encontrar no seu trajeto de todo o dia, no centro da cidade, um espaço de escuta. A possibilidade que se abre de a população fazer uso disto, por si só, já é um ato político.

Entrevistador: Muito se tem falado na importância da instituição para a formação de analistas. Alguns autores inclusive a apontam como o quarto eixo, em uma referência à ampliação da ideia do tripé. Como vocês pensam a importância da instituição no trabalho do coletivo?

Coletivo: Somos um grupo de onze psicanalistas em constante formação. Enquanto coletivo, somos independentes, mas as individualidades estão vinculadas a instituições. Entendemos que a composição do coletivo, que conta com membros de vivências institucionais diversas, nos garante com pluralidade e com uma amplitude teórico-prática muito rica.

Entrevistador: Como é trabalhar de forma coletiva, em contraponto ao trabalho mais solitário realizado no consultório? Existe uma hierarquia entre os participantes do coletivo? Há algum tipo de acompanhamento dos casos, como uma supervisão, por exemplo?

Coletivo: Enquanto coletivo, não há hierarquia. Trabalhamos de forma horizontal. Como já dissemos, nos encontramos semanalmente fora da praça para discutirmos questões teóricas e práticas que vão surgindo com o andamento do trabalho. Além das nossas formações individuais amparadas pelo tripé, buscamos apoio externo em supervisões coletivas e lemos textos de interesse junto a profissionais experientes que têm se oferecido para estudar conosco. Um outro ponto que vale salientar é o quanto o coletivo nos dá autorização e sustentação para a realização deste trabalho.

Entrevistador: Como fica a questão do método psicanalítico tradicional, pensado a partir da associação livre, da sexualidade infantil, do acesso ao inconsciente pelas vias transferencial e interpretativa?

Coletivo: Na praça, resgatamos a tradição subversiva da psicanálise. A base da nossa escuta é atravessada pelo método tradicional porque está alicerçada na teoria psicanalítica e amparada pelo tripé. As questões que mais nos acometem dizem respeito ao trabalho coletivo e às diversas manifestações transferenciais possíveis que estes encontros possibilitam, que vão desde as relações que se estabelecem com o local (a cidade e a praça) até as que se revelam com o coletivo e com o analista. Como é um trabalho recente, ainda temos muito a pensar e a aprender, inclusive no que diz respeito às diferenças quanto ao método de trabalho na praça

e a questões relativas à via interpretativa, que, devido à pluralidade teórica do grupo, vem sendo debatidas. Até agora, nos satisfaz ver analisando voltando todos os sábados, o interesse dos nossos pares, a divulgação da psicanálise e o quanto de crescimento este trabalho nos oferece.